

Governo desafia a indústria a pagar melhor madeira de pinheiro

O Governo considera “interessante” o desafio lançado pelo Centro Pinus de intervir de imediato nas áreas de regeneração natural do pinheiro que estejam sob tutela pública. Mas considera que esse esforço será “insuficiente” no contexto da fileira.

“Não basta intervir nos baldios quando 85% da área florestal é propriedade privada. Mais importante é a indústria organizar-se e começar a aumentar o preço que está disposta a pagar pela madeira de pinho. Talvez aí os produtores possam dar resposta às necessidades da indústria”, afirmou ao jornal Público o secretário de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural, Rui Barreiro.

O governante respondeu, assim,

ao desafio lançado pelo Centro Pinus – Associação de Valorização para a Floresta de Pinho, que pretende uma intervenção na área de jovens povoamentos de pinheiro bravo, ardidos ou alvo de cortes, usando financiamentos comunitários, através das verbas do Proder. Seriam cerca de 132 mil hectares, com prioridade aos terrenos baldios, que os tornaria mais produtivos e menos expostos a novos incêndios.

Essa intervenção, dizia o presidente do Centro Pinus, João Gonçalves – numa entrevista também ao Público –, iria ajudar a resolver o problema de abastecimento de matéria-prima na indústria da fileira do pinheiro, que já precisa de importar cerca de 30% das suas necessidades.



Rui Barreiro lembrou que vivemos “numa sociedade de mercado” e que os produtores “também reagem a impulsos” e vão procurar a produção que é melhor remunerada. “A maior produtividade do eucalipto significa maior rentabilidade. Tem de ser a indústria a organizar-se para que, tal como aconteceu no

eucalipto, consiga sensibilizar os produtores para as vantagens de uma boa gestão florestal”, afirmou o secretário de Estado. Mesmo assim, garante, os dados do último censo e as informações que detém continuam a apontar para a preponderância do pinheiro, bravo e manso, na mancha florestal nacional. •